



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 3

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disso, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disso, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena	
Tallita Erthal de Oliveira	
Thiago Gonçalves Carminte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda	
Maralice Maschio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa	
Debora Ribeiro Pereira	
Jorge Luís de Medeiros Bezerra,	
Antonio Guanacuy Almeida Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis	
Rhadson Rezende Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0592119037</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>89</b>
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>149</b>
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>163</b>
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>170</b>
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>181</b>
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190318</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>191</b>
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190319</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>201</b>
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190320</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>222</b>
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05921190321</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>235</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>236</b>

## O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

*Data de aceite: 01/03/2021*

*Data de submissão: 15/12/2020*

**Eliza Brito Santos**

Universidade do Porto (PT)

Porto – Porto

<http://lattes.cnpq.br/1330446806623374>

**RESUMO:** Em meados do século XIX, a cidade do Recife crescia e desejava se “civilizar”. Este processo de modificações estruturais e mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais foi acompanhado pelo surgimento de algumas inovações, a exemplo do surgimento de cafés que, ao longo dos anos, se transformaram em importantes espaços de convivialidades. O *Café Ruy* foi um dos mais importantes deles, local onde as sociabilidades de homens de diferentes origens sociais eram atreladas à apreciação de pratos e bebidas. O estudo desse espaço gastronômico ajuda a entender um Recife para além das famosas “lutas libertárias”, como já se escreveu, mas, sobretudo, uma cidade que crescia e procurava oferecer novos hábitos, imitando os europeus.

**PALAVRAS - CHAVE:** História; Recife; Café; Gastronomia; Sociabilidades.

### THE CAFÉ RUY AND THE RECIFE IN THE MIDDLE OF THE 19TH CENTURY

**ABSTRACT:** In the middle of the 19th century, the city of Recife was growing and wanted

to “civilize” itself. This process of structural, economic, political, social and cultural changes was accompanied by the emergence of some innovations, such as the new cafes that, over the years, have become important spaces for socializing. The “Café Ruy” was one of the most important of them, a place where the sociability of men from different social backgrounds was linked to the appreciation of dishes and drinks. The study of this gastronomic space helps to understand the Recife beyond the famous “libertarian struggles”, as has already been written, but, above all, a city that grew and tried to offer new habits, imitating Europeans.

**KEYWORDS:** History; Recife; Coffee; Gastronomy; Sociabilities.

O Recife da segunda metade do século XIX passava por transformações no espaço urbano, que tinham repercussão nos hábitos dos moradores da cidade. A ideia de uma capital moderna, adequada aos novos tempos, começa a se desenhar no começo do Oitocentos, e vem baseada numa lógica europeia de civilidade, na qual o moderno era sinônimo de ordem, progresso, cientificidade. Até a Idade Média, o conceito de moderno estava relacionado ao que é novo, no sentido de recente. Mas, as revoluções liberais (Revolução Industrial inglesa e Revolução Francesa) vão romper com a concepção e trazer a ideia de moderno como sinônimo de civilidade e de progresso. São instituídas novas formas de produção econômica, consumo, e divisão social

do trabalho, o que gera, ainda, novas necessidades econômicas e um novo modelo de sociedade. Esta lógica “moderna” vai ser utilizada pelas elites mundiais para justificar as reestruturações urbanas de cidades da Europa e das Américas.

A ideia do progresso, construída no século das luzes, modificava a própria concepção de tempo. A história parecia avançar, linearmente, decifrando enigmas, tendo o destino nas suas mãos, esquecendo-se de Édipo. Estamos aqui navegando por entre as fantasias e as afirmações daqueles inventores do discurso vitorioso e suas interpretações, às vezes, alucinadamente otimistas com relação às metamorfoses presentes e futuras. (REZENDE, 2016, p.146)

Os avanços técnicos e científicos vivenciados na virada do século XVIII para o XIX, com as revoluções burguesas e a filosofia do Iluminismo, passam a ser norteadores de um pensamento que pregava a progressão contínua da humanidade, na qual não haveria retrocessos. A ascensão da burguesia na Europa, no final do Setecentos, atrelada ao desenvolvimento do capitalismo e ao domínio da razão, já que o conhecimento se desprende do campo religioso, serão determinantes para a construção do que chamamos de modernidade.

A necessidade de mudança constante, trazida com a noção de modernização revestida de conceitos glamorosos como progresso, civilização, e cientificidade, veio acompanhada de perigos e atrocidades. Culturas foram massacradas com a justificativa de que eram anacrônicas e, por isso, representavam um empecilho à modernização. Equívocos como a negação do passado e a destruição da tradição foram benéficos para os povos imperialistas, “os vencedores que inventavam e consagravam o novo, mas não se desfizeram das suas próprias tradições” (REZENDE, 2016, p.146). Mesmo assim, no século XIX, será esta visão eurocêntrica de progresso e civilidade, como quase sinônimos do moderno - benéfica para os povos “civilizados”, europeus, que precisavam desse conceito para garantir seu domínio sobre tantos outros povos “incivilizados” - que justificará as transformações urbanas modernizadoras na Europa e nas Américas. As mudanças estruturais da capital pernambucana, na segunda metade do Oitocentos, vão ser realizadas por meio desta lógica higienista, cientificista e de progresso.

Em Pernambuco, o século XIX representou a convivência dos donos de terras, a elite rural e patriarcal, baseada na grande lavoura e nos engenhos - que foi começando a viver um lento processo de decadência -, com o crescimento da burguesia capitalista e urbana. Os comerciantes ricos e os jovens bacharéis vão modificando a lógica de privilégios da elite rural.

É curioso constatar que as próprias gerações mais novas de filhos de senhores de engenho, os rapazes educados na Europa, na Bahia, em São Paulo, em Olinda, no Rio de Janeiro, foram-se tornando, em certo sentido, desertores de uma aristocracia cujo gênero de vida, cujo estilo de política, cuja moral, cujo sentido de justiça já não se conciliava com seus gostos e estilos de bacharéis, médicos e doutores europeizados. Afrancesados, urbanizados e policiados.

As reuniões e discussões políticas dessas elites rurais e urbanas, acompanhadas de comida e trocas sociais, aconteciam nas casas, nas tabernas, nos botequins. Mas, na segunda metade do século XIX, estes tipos de encontros, entendidos como sociabilidades políticas, passam a ocupar novos espaços, que aparecem como marcos do processo de modernização da capital, baseado na lógica europeia de vincular as noções de civilidade e progresso como sinônimo de modernidade. Os mercados públicos, símbolos dessa modernidade, são acompanhados por restaurantes e cafés, estabelecimentos que surgem com o aburguesamento da sociedade pernambucana, e que são essenciais para compreender esse processo.

Para conhecer a vida cultural, afetiva, social e até política e econômica de uma cidade, é preciso desvendar as tradições alimentares das pessoas de que nela vive. É impossível conhecer um povo sem conhecer a sua cozinha, os seus hábitos e as suas preferências alimentares. Para o estudioso da alimentação Massimo Montanari (2008, p.183-184), o sistema alimentar é um retrato da identidade de um povo. Assim como a língua falada, o sistema alimentar é parte e representa a cultura de quem o pratica, sendo depositário das tradições e da identidade de um grupo. O italiano defende que os hábitos alimentares são um importante veículo de auto-representação e de troca cultural, representando um instrumento de identidade, mas também o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas. “Mais ainda que a palavra, a comida se presta a mediar, entre culturas diversas e abrindo os sistemas de cozinha a todo tipo de invenções, cruzamentos e contaminações.” (MONTANARI, 2008, p.183-184).

A alimentação tem uma importante conotação cultural que, muitas vezes, ultrapassa a importância de substância nutricional que lhe é primordial. Pela cozinha passam os fundamentos socioculturais de uma sociedade. O homem come como forma de confraternizar, de interagir. Pertencer a um grupo é, também, comer junto a esse grupo.

Esse pode ser a família, mas também uma comunidade mais ampla: toda confraria, corporação, associação reafirma à mesa a própria identidade coletiva; toda comunidade monástica se reconhece no refeitório, onde todos são obrigados a dividir a refeição (e somente os “excomungados”, aqueles que se mancharam com alguma culpa, são excluídos temporariamente). (MONTANARI, 2008, p.159)

A mesa é, dessa forma, um espaço de sociabilidades, termo que é genericamente utilizado como a capacidade humana de viver em sociedade, de interagir, mas que ganha caráter histórico e sociológico com o historiador francês Maurice Agulhon (2009). No seu estudo sobre a burguesia francesa do século XIX, o escritor analisou a reunião de homens da burguesia ascendente, pós-Revolução Francesa, em cafés, ainda no século XVIII, e no que ele chama de círculos burgueses, que são as associações de funcionários, profissionais liberais e políticos, no século XIX. Estes espaços seriam os “substitutos”

dos salões aristocráticos, em que as famílias nobres desfrutavam de momentos de ócio, cultura e discussões literárias e políticas antes do período revolucionário, quando o país era governado por uma monarquia poderosa. Nos salões franceses, os aristocratas ricos recebiam familiares e amigos próximos, da mesma situação social, com regularidade, assumindo todos os gastos desses encontros. A burguesia não podia prover esse tipo de reunião e os cafés e as livrarias eram os locais para a discussão literária e política dos homens burgueses do Oitocentos. A partir de 1830, os círculos burgueses franceses começam a florescer, com a formalização desses debates e encontros, informais, realizados nos cafés. Esses círculos darão origem às associações profissionais, tão comuns nos dias atuais. “La diferencia – como ya hemos dicho e incluso repetido - entre el grupo de habitués de un café y el grupo de abonados de un círculo no es más que la que hay entre lo ‘informal’ y lo ‘formal’” (AGULHON, 2009, p.106). Assim, enquanto nos cafés os encontros eram informais, mesmo que os clientes fossem habituais, nos círculos havia uma formalização dos participantes, que não eram apenas frequentadores, mas também sócios das associações.

As diferenças entre os cafés e os círculos, como espaços de socialização, era apenas estrutural, de informalidade e formalidade, respectivamente, contando com as mesmas características sociológicas de representarem locais de encontro para discussões literárias, culturais, políticas, ou ainda, espaços de ócio da burguesia contemporânea. Mesmo mais democráticas do que as dos salões aristocráticos, onde o anfitrião era rico o suficiente para receber os convivas e arcar com todos os gastos, as sociabilidades dos cafés e círculos burgueses eram reservadas aos homens, excluindo as mulheres e as crianças, que tinham lugar nos salões da nobreza europeia. Para Agulhon, essa realidade também pode ser explicada pela nova formação burguesa da sociedade, que aposta na educação masculina como forma de garantir o progresso rápido da sua situação econômica. Segundo ele, “El auge de los burgueses, en cambio, en esa época suele implicar el auge de las familias que construyen su fortuna y que, para construirla lo más rápido posible, educan primero a los hijos. Esa desigualdad intelectual entre hermano y hermana se reproducirá entre los cónyuges” (AGULHON, 2009, p.103). Dessa forma, Agulhon defende que as famílias burguesas apostavam na educação dos filhos, para construir mais rapidamente suas fortunas, gerando uma desigualdade intelectual entre irmãos e irmãs, que será reproduzida entre os cônjuges. Apesar da separação entre os sexos, as sociabilidades burguesas em locais públicos como os cafés permitiam um avanço no acesso mais democrático dos convivas. “Os cafés não só permitiam um acesso mais fácil aos círculos da moda, mas, acima de tudo, abrangiam as camadas mais amplas da classe média e até mesmo artesãos e merceeiros.” (HABERMAS, 1984, p.48-49).

No Brasil, o aburguesamento da sociedade aconteceu de maneira peculiar. Por aqui, apenas o Rio de Janeiro teve contato com uma vida palaciana sólida, com a instalação da família real, no ano de 1808. As festas, os bailes e as reuniões da corte tiveram lugar

nesse Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Em Pernambuco, a elite rural, da monocultura da cana-de-açúcar, é o que temos de mais aproximado dessa lógica aristocrática, onde os senhores de engenho recebiam os convidados, em suas casas, e arcavam com todos os gastos dessas sociabilidades. A diferença é que, aqui, as mulheres ficavam excluídas desses momentos de convivialidade. Uma das consequências da cultura patriarcal, ainda tão forte nos Oitocentos.

A senhora de engenho quase nunca aparecia aos estranhos, é verdade; era entrar homem estranho em casa e ouvia-se logo o ruje-ruje de saias de mulher fugindo, o barulho de moças de chinelo sem meia se escondendo pelos quartos ou subindo as escadas. O que se dava tanto nos sobrados das cidades como nos engenhos. (FREYRE, 2004, p.144)

No século XIX, com a valorização do espaço urbano e a crise açucareira, algumas áreas onde se plantava cana vão sendo incorporadas à cidade, já que a terra valia mais para a moradia do que para o plantio (CARVALHO, 2010, p.48). Alguns dos antigos engenhos vão se transformando em bairros, em meados do Oitocentos, e muitas famílias abastadas possuíam seus sítios nestas localidades, nos quais reuniões luxuosas como as dos antigos engenhos eram realizadas. Nesses espaços reservados aos mais ricos, localizados em bairros como Apipucos, Poço da Panela e Madalena, a exigente sociedade abastada recifense desfrutava de temporadas de lazer, como o período de veraneio, as festas juninas e de final de ano. Nestes locais, tomavam banho de rio, pescavam, convidavam amigos para almoços e reuniões regadas a guloseimas e bebidas. Mas, nos bairros centrais da capital pernambucana: do Recife, de Santo Antônio, de São José e da Boa Vista, os sobrados estreitos, que dominavam a arquitetura dos três primeiros, exigiam outros espaços para a convivência social. Neste contexto de modernização, de ampliação da área urbana do Recife, e de mudanças de hábitos pelos quais passavam os moradores da cidade, novos locais de sociabilidades, mais “modernos” e “adequados” ao novo tempo, passavam a ocupar as ruas da cidade, entre eles, os cafés.

A descoberta do café é rodeada de lendas, mas a versão mais difundida é a de que Kaldi, um pastor de cabras da Etiópia, no Nordeste da África, teria observado o efeito estimulante que as folhas e os frutos de um determinado arbusto produziam em suas cabras. O pastor teria provado o fruto e descoberto o café. A lenda está registrada em manuscritos do Iêmen, datados de 575 (MARTINS, 2008, p.18). O descobrimento foi na África, mas o domínio da técnica de plantio e de preparação do café é mérito dos asiáticos. A infusão da bebida só seria realizada no ano 1000, já na Península Arábica, e o processo de torrefação, essencial para a bebida que conhecemos hoje, só foi desenvolvido no século XIV. Já o hábito de tomar a bebida como forma de bem-estar ganha vez apenas no século seguinte.

O hábito de tomar café como bebida prazerosa, em caráter doméstico ou em recintos coletivos, deslancharia a partir de 1450. O produto era apropriado para a cultura árabe-islâmica, pois vinha ao encontro dos preceitos religiosos do islamismo ditados pelo Alcorão, que condenava bebidas alcoólicas (MARTINS, 2008, p.21)

O café como estabelecimento passa a existir no final do século XV, com a abertura do *Kiva Han*, considerado a primeira cafeteria do mundo. O local teria sido aberto em 1475, na Turquia, país responsável pela popularização da bebida como um “ritual de sociabilidade” (MARTINS, 2008, p.29). Mas apenas no século XVII o café chega na Europa, pela cidade de Veneza, no ano de 1615. A cidade era o grande mercado de especiarias e artigos de luxo, centro difusor de produtos finos distribuídos para as cortes europeias da época. “Já se conhecia então a prática da torrefação e da moagem, e, dessa forma, o café passou a ser consumido.” (MARTINS, 2008, p.25). A pioneira no hábito dos cafés públicos será a Inglaterra. Na Londres da segunda metade do século XVII, as *coffeehouses* já eram locais de reunião de homens de negócios e intelectuais. Mas, com o desenvolvimento da cultura do chá em terras inglesas, o protagonismo dos cafés como importantes espaços de sociabilidades passará a ser realizado pela França. “Sabe-se que, em 1720, só Paris possuía 380 estabelecimentos, que chegariam a 900 no final daquele século, ocasião em que a França concentrava 27 milhões dos 175 milhões de habitantes europeus.” (MARTINS, 2008, p.30).

No Brasil, o maior exportador de café do mundo atual, a chegada do grão deve-se a Francisco de Melo Palheta, funcionário do império português, que teria trazido as primeiras sementes de café, no ano de 1727, para o Pará. Durante boa parte do século XVIII, a propagação do cultivo de café limitou-se às regiões Norte e Nordeste do país, onde os solos e as altitudes não eram os mais adequados. Mas o incentivo à produção viria mais tarde, com a crise da mineração e da indústria açucareira, que vinha sofrendo forte concorrência externa. No ano de 1760, o desembargador do Maranhão, João Alberto de Castelo Branco, teria distribuído mudas do grão no Rio de Janeiro, quando foi iniciado o cultivo do café nessa região (MARTINS, 2008, p.35-47). A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, foi essencial para a propagação da cultura do café no país. Com o evento histórico, o Brasil deixou de ser uma colônia e passou a integrar o Reino Unido de Portugal e Algarves e os portos do país foram abertos para o comércio exterior. “E foi através do café que o Brasil se apresentou ao mundo” (MARTINS, 2008, p.52).

Os primeiros estabelecimentos voltados para a venda do café, no país, surgiram em meados do século XVIII, no Rio de Janeiro. Eram locais com má fama, vistos como os primos dos botequins, onde imperavam bebidas alcoólicas e frequência duvidosa. Foram se difundindo e diversificando com o crescimento da vida urbana. São Paulo demorou mais a conhecer o estabelecimento, que foi sendo introduzido pelos quiosques, cópia dos modelos cariocas, portáteis, armações de madeira que, por vezes, se moviam sobre rodas. “Desde

1872, requeria-se da Câmara licença para esses pontos-de-venda, que se estabeleceram nos largos da Memória, da Misericórdia, da Cadeia, na Estação da Luz, áreas de maior movimento” (MARTINS, 2008, p.181).

No Recife, os cafés começam a fazer parte da cena social da cidade a partir da segunda metade do século XIX. Assim como acontecia no resto do mundo, por aqui estes estabelecimentos eram espaços eminentemente masculinos, nos quais eram discutidos os assuntos da ordem do dia, as notícias, as fofocas. Políticos, homens de negócios e profissionais liberais, como médicos, advogados, jornalistas e comerciantes tinham nos cafés um local de encontro, divertimento e de bebedeira. Os espaços integravam, juntos aos restaurantes, importantes locais de sociabilidades e de gastronomia da cidade.

Os viajantes, a elite abastada do Recife e, aos poucos, as famílias de destaque da cidade, frequentavam os hotéis-restaurantes e os restaurantes dos bairros centrais da capital pernambucana, cada vez com mais frequência, na segunda metade do século XIX. No mesmo período, os cafés também começam a aparecer como opção de lazer na cidade, mas com uma fama bem menos prestigiosa que a dos estabelecimentos anteriores. Nos cafés, locais de sociabilidades predominantemente masculinas, homens de diferentes classes sociais dividiam o espaço, o que terminava por afastar a presença das damas da sociedade recifense e das famílias ricas da cidade. Diferentemente dos hotéis-restaurantes e dos restaurantes - que funcionavam, conforme citado, como locais de encontro das elites - a frequência nos cafés era bastante eclética. Durante o dia, era comum a presença de comerciantes e políticos. No final da tarde, dos letrados, e, à noite, dos jovens, dos boêmios e das prostitutas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2016, p.130 – 131). O cronista Mario Sette, em seu livro *Maxambombas e Maracatus*, destaca essa realidade:

Porque, na época, as famílias de raro frequentavam um café e isso mesmo de dia. À noite não parecia de boa moral. Tanto estudante lá dentro. Às vezes as mulheres da vida fácil. Os rapazes agrupavam-se às portas, grelando as pequenas, conversando, discutindo. À “boquinha da noite” eles ali se postavam e de quando em quando decidiam nas mesinhas a bozó quem pagava o refresco ou o grogue. (SETTE, 1981, p.143)

Para o cronista Mário Sette, o período áureo dos cafés do Recife se deu na virada do século XIX para o XX, mas, já em meados do Oitocentos, alguns estabelecimentos do tipo figuravam como importantes pontos de encontros da sociedade local. O *Café Ruy* era um deles. E, por meio dos anúncios sobre o estabelecimento, em jornais como o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife*, é possível conhecer a sociedade recifense do período.

Desde o final do século XIX, novos tipos de diversão começaram a aparecer na capital pernambucana, convivendo com festas e manifestações tradicionais da cidade. As comemorações de época – Natal, Ano Bom e São João -, as festas religiosas, com suas procissões e quermesses, os desfiles das bandas e charangas, as danças e manifestações, como pastoril, fandango, mamulengo, bumba-meu-boi, as temporadas das

companhias de operetas e peças teatrais, encenadas no Teatro de Santa Isabel, passaram a disputar a preferência dos habitantes do Recife com as novas formas de entretenimento. Eram páreos nos hipódromos da Madalena, do Derby ou de Campo Grande, regatas no Capibaribe, passeios no Derby – transformado por Delmiro Gouveia em um centro de diversões (COUCEIRO, 2010, p.85-86). E os proprietários de cafés da cidade usavam esses entretenimentos para ganharem mais clientes.

Um anúncio de 16 de junho de 1882 do *Café Ruy*, no *Diário de Pernambuco*, por exemplo, mostra como as festas juninas eram um importante mobilizador social. O estabelecimento aproveita a data para fazer propaganda dos produtos vendidos no café, principalmente os voltados para as festas, como pamonha e bolo pé de moleque. No anúncio, também consta que o estabelecimento vendia diferentes tipos de bolos, como os de mandioca e de fubá, e destaca o café da casa como “café bom como ali não vereis”. Enfatizar a qualidade da bebida e da alimentação oferecida no *Café Ruy* foi uma característica marcante encontrada em diferentes anúncios do estabelecimento, que foi um dos mais longevos do tipo no Recife do século XIX. Era localizado na Rua Nova, importante logradouro da cidade que foi, inclusive, a primeira rua do Recife a ser iluminada a gás carbônico, no lugar da iluminação por meio de lâmpões, no ano de 1859. Durante um período, foi denominada de rua Barão de Victória, por isso, em alguns anúncios do café, encontramos o endereço como Barão de Victória. A alteração foi feita no ano de 1870, mas não vingou. Localizada no bairro de Santo Antônio, a rua Nova começou a ganhar importância ainda no século XVIII, com a construção da Ponte da Boa Vista. “Com os trabalhos da nova ponte da Boa Vista, que iria mudar de lugar, feitos em 1730, foram executados aterros que a beneficiariam, pois aumentaram a extensão da ‘Rua Nova da Casa da Pólvora’, este era o seu primitivo nome, que ficava no atual cruzamento da rua da Palma” (CAVALCANTI, 1977, p.213). No século XIX, a localidade era bastante central e movimentada.

Outra característica que pode ser observada por meio dos anúncios publicados em jornais como o *Diário de Pernambuco*, sobre o *Café Ruy*, no final do século XIX, é o destaque dado às inovações tecnológicas pela sociedade do período. Este comentário publicado no dia 25 de março de 1891, no *Diário de Pernambuco*, ilustra bem:

Café Ruy – Este acreditado estabelecimento de pastelaria de propriedade do Sr. Vicente Claudino Alves, no intuito de bem servir aos seus fregueses, principalmente aos consumidores de seu apreciável café, denominado – Café Ruy, a par dos melhoramentos, acaba de fazer assentar um motor a gás com aparelho elétrico, para moer café, do conceituado fabricante Benz & C., devendo ter lugar a inauguração desse novo serviço no dia 28 do corrente, às 11 horas da manhã. Estando assentos os aparelhos no salão central do estabelecimento, é assim o serviço feito a vista do comprador, pois o café é colocado e recebido em peças de claro vidro. Agradecemos a delicadeza do convite que nos foi dirigido pelo Sr. Vicente Alves, para assistir a inauguração dos aparelhos de que falamos. (Diário de Pernambuco, 25 de março de 1891)

A sede de modernização se refletia na gastronomia, com a valorização da parte técnica do processo gastronômico, como destaca o historiador Frederico Toscano: “Os escritórios de patentes brasileiros registravam um número crescente de geringonças de maior e menor utilidade prática – quando não totalmente inúteis – que visavam auxiliar o ser humano em suas tarefas cotidianas.” (TOSCANO, 2014, p.23). Mas o *Café Ruy* foi inovador também mercadologicamente falando. No ano de 1882, o proprietário passou a comandar duas unidades, a da rua Nova e a do Pátio do Terço, como é possível constatar pelo anúncio do dia 20 de abril de 1882, no *Diário de Pernambuco*, que, inclusive, se repete em outros dias:

#### Café Ruy

Os moradores de S. José que quiserem usar deste conhecido e acreditado café ou de seu extrato sem ser preciso mandar os seus portadores à rua Nova n. 56, poderão comprar dele no pátio do Terço n.11, antiga casa, pois se comprar em outra parte é falso. (Diário de Pernambuco, 20 de abril de 1882).

O Pátio do Terço, localizado no bairro de São José, também era uma região bastante movimentada da cidade. A área, aterrada ainda na época dos holandeses, ganhou uma capela no século XVIII, que foi reconstruída no XIX, como a igreja de Nossa Senhora do Terço. “Nota-se também, na Genográfica que existia um pequeno largo na frente da igreja do Terço e não será temerário afirmar-se que a rua seja anterior a 1710, pois o templo o é, e este parece ser posterior ao arruamento” (CAVALCANTI, 1977, p.227). O pátio do terço ficou marcado, no ano de 1825, por ter sido o local da execução do Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, conhecido como Frei Caneca, frade revolucionário da Confederação do Equador. Em vista desses acontecimentos chamaram o Largo do Terço, por algum tempo de “Campo do Caneca”, que não perdurou, voltando à antiga denominação, até que foi crismado, sem grande êxito, mas numa justa homenagem a um dos heróis da Restauração, como Rua Vidal de Negreiros, nomeação oficial de toda a sua extensão dos seus primeiros anos, mas sem o quarteirão leste que a separava da Praça das Cinco Pontas, pois nela não desembocava como hoje (CAVALCANTI, 1977, p.229)

No anúncio sobre o *Café Ruy*, acima citado, publicado no *Diário de Pernambuco*, no dia 20 de abril de 1882, além da informação de que o café podia ser obtido nos dois espaços, Rua Nova ou Pátio do Terço, consta a informação da possibilidade de o café de outro estabelecimento estar sendo vendido como sendo da marca, devido ao trecho: “... pois se comprar em outra parte é falso”. O fato não é novidade, já que encontramos avisos ou anúncios parecidos nos casos dos restaurantes e hotéis-restaurantes do período. A informação ainda reforça a importância que o *Café Ruy* tinha para a cidade, como comentou o memorialista Mário Sette:

Da rua Nova foi célebre por muitos anos o Café Rui. Frequentei-o menino com meus pais que ali iam comprar umas empadas de camarões gostosíssimas. Pelo menos para meu paladar de criança. Torrava-se e moíam café à vista do freguês numa engrenagem que me despertava sempre a curiosidade. Era ponto predileto dos acadêmicos de direito. Viviam em constante algazarra, em brindes, em vaias, em pilhérias de moços. Das portas do “Rui” eles espiavam as pernas das moças ao subir no bonde. (SETTE, 1981, p.143).

Analisar a existência de cafés como o *Ruy*, por meio de anúncios em periódicos do século XIX, é perceber a relação do estabelecimento com o processo de modificação urbana do Recife, mas também muitos outros aspectos importantes. Em termos gastronômicos, um produto que começa a ser destaque nos anúncios do estabelecimento, a partir da década de 1880, é o sorvete, que, segundo Gilberto Freyre, é o “símbolo da dissolução da sobremesa patriarcal”. Neste anúncio de 18 de outubro de 1882, no *Diário de Pernambuco*, é possível observar este fenômeno:

#### SORVETE

O café Ruy, depois de ter reformado sua casa, que se acha em condições de melhor obsequiar às Exmas. famílias, resolveu ter todas as noites sorvetes feito à capricho, e de diversas frutas, pelo que chama a atenção ao café Ruy, à rua Nova n.56. (*Diário de Pernambuco*, 18 de outubro de 1882)

O sorvete e os melhoramentos físicos da casa são utilizados pelo estabelecimento como forma de atração do público familiar, já que os cafés eram espaços com presença predominantemente masculina e, por isso, afastavam a frequência de famílias da alta sociedade recifense do período. Acompanhando os anúncios do estabelecimento, nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, é possível constatar que o sorvete conquista os paladares locais e passa a ser um importante atrativo para os negócios. Este anúncio de 8 de abril de 1884, no *Jornal do Recife*, ilustra bem:

Sorvete triplo por 200 rs.

O Café Ruy, tendo recebido pelo último vapor americano uma máquina geladeira, sistema o mais aperfeiçoado, podendo assim satisfazer as exigências de seus fregueses com mais prontidão, resolveu de hoje por diante vender um sorvete triplo por 200 rs. (*Jornal do Recife*, 8 de abril de 1884)

Textos como este, destacando a venda do sorvete triplo, repetem-se por vários dias, em diferentes anúncios no *Jornal do Recife*. Com o tempo, informações como a venda de sorvete de creme, diariamente - já que apenas os de frutas eram vendidos todos os dias nos primeiros anos da década de 1880 -, e a comercialização do produto em diferentes horários passam a servir de estratégia publicitária, o que mostra como a sobremesa gelada foi recebida com bastante sucesso pelo público recifense do final do século XIX.

O *Café Ruy* surgiu no ano de 1879 - pelo menos o primeiro anúncio que encontramos

sobre o estabelecimento data de 13 de dezembro deste ano, no *Diário de Pernambuco*. Em compensação, a casa teve vida bastante longa para as referências do período, já que encontramos muitos anúncios sobre o local até o ano de 1909, no *Jornal do Recife*. Pelo acompanhamento dos anúncios, nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, é possível perceber que o proprietário Gustavo Ruy faleceu e deixou o café para a sua esposa, ainda no final do século XIX, e que o estabelecimento foi comprado por outros proprietários: Gesteira e Maia, como assinam nos anúncios, já nos primeiros anos do século XX. No mês de março de 1909, em diferentes dias, o anúncio de que Manoel da Silva Ramos comprou a marca Café Ruy é a última informação que temos do estabelecimento. O último anúncio foi no dia 12 de março de 1909, no *Jornal do Recife*.

A segunda metade do século XIX foi marcada por transformações estruturais, sociais, políticas, econômicas e culturais na cidade do Recife. A sede de modernização, baseada na lógica europeia de civilidade, que transformava o moderno em sinônimo de ordem, progresso, cientificidade, trouxe a dinamização da vida urbana, com mudanças nos hábitos dos moradores da capital pernambucana. Novas formas de circular na cidade, que passava por uma expansão territorial, com a transformação de antigos engenhos em sítios e arrabaldes, foram acompanhadas por novas construções e a utilização de materiais modernos, como o ferro, nas obras. A face da cidade foi sendo modificada e, nesse processo, novos espaços de convivência foram criados. Novos divertimentos surgiam e, com eles, novos costumes. A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, foi determinante para o processo de modernização das cidades coloniais do país. Como o Rio de Janeiro passou a ser a capital do Império, nossos portos foram abertos para o resto do mundo e aumentamos as trocas comerciais com o exterior. Nos primeiros anos do século, a província de Pernambuco ganhou maior importância econômica, com a valorização do açúcar, no mercado internacional, além do aumento das exportações de algodão. Mas, com o fim das guerras napoleônicas, a situação mudou. O açúcar começou a sofrer com a concorrência de Cuba e o algodão, com a produção estadunidense, e teve início um contexto de recessão econômica, com um processo lento de decadência da elite rural pernambucana, vinculada à monocultura da cana-de-açúcar. Ao mesmo tempo, houve o fortalecimento econômico e político dos comerciantes e bacharéis.

A elite rural, representada pelos senhores de engenho - que, mesmo com as mudanças econômicas, continuaram tendo grande poder na província de Pernambuco - tinha o hábito de receber convidados, em suas casas, com regras bem definidas de hospitalidade. Com a valorização do espaço urbano, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, algumas áreas onde se plantava cana vão sendo incorporadas à cidade e alguns dos antigos engenhos vão se transformando em bairros. Muitas famílias abastadas, que possuíam seus sítios nestas localidades, realizavam grandes reuniões, como as que aconteciam nos antigos engenhos. Mas, nos bairros centrais da capital pernambucana, especificamente os do Recife e de Santo Antônio, os sobrados estreitos

dominavam a arquitetura e, por uma questão física, outros espaços para a convivência social começaram a se tornar necessários. É a partir dessa nova configuração do Recife da segunda metade do Oitocentos que surgem os cafés.

Por meio das pesquisas nos anúncios sobre este tipo de negócio, nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, no período de 1850 a 1899, constatamos que os cafés passam a ser importantes espaços de convivência da capital pernambucana, na segunda metade do século XIX, cujos principais atrativos são os lanches, como os salgados, doces e bolos, além do próprio café e das bebidas alcoólicas. Como estes estabelecimentos recebiam homens de diferentes classes sociais, as famílias e as damas da sociedade não deviam frequentar ambientes de conviviabilidades tão ecléticas. Assim como os cafés, as confeitarias seguiam a mesma lógica, oferecendo um cardápio semelhante e recebendo um público similar aos dos cafés. Por meio das pesquisas nos anúncios sobre estes tipos de negócios, também nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, no período de 1850 a 1899, percebemos que foram nestes estabelecimentos que os sorvetes começaram a ganhar os paladares dos recifenses, o que representou uma mudança gastronômica significativa, já que as sobremesas patriarcais eram, em sua maioria, quentes.

Os cafés como o *Ruy* foram negócios longevos, que fizeram parte do momento de modificação da capital pernambucana. Estes estabelecimentos representaram importantes espaços de sociabilidades e gastronomia do Recife da segunda metade do século XIX, nos quais novos hábitos vão surgindo, como o de comer fora de casa. Os negócios também foram importantes para a consolidação de mudanças gastronômicas, com a popularização do café e de alimentos como o sorvete. Por meio dos anúncios sobre o *Café Ruy*, desvendamos características do período, como a influência europeia nos hábitos e costumes, a força da cultura patriarcal e escravocrata e, principalmente, a forma como os moradores da capital pernambucana comiam.

A gastronomia nos ajuda a entender a cultura de um povo e, por meio dela, a entender a identidade social. O *Café Ruy* faz parte do patrimônio cultural e afetivo da capital pernambucana, por ter tido um papel fundamental no processo de modernização da cidade e de mudanças nos costumes sociais e gastronômicos da urbe. Conhecer essa história é uma maneira de resgatar e preservar a memória deste patrimônio histórico, cultural e gastronômico do Recife.

## REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. *El Círculo burguês: La sociabilidad em Francia, 1810-1848*. Buenos Aires: SigloVeintiuno Editores Argentina, 2009.

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. *Recife do Corpo Santo*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1977.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. *Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo no Recife, 1822-1850*. Recife: Editora UFPE, 2010.

COUCEIRO, Sylvia Costa. *Artes de Viver a Cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MARTINS, Ana Luiza. *História do Café*. São Paulo: Contexto, 2008

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José Francisco de. *“Os operários das letras”: O campo literário no Recife (1889-1910)*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos Modernos - Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Ed. UFPE, 2016.

SANTOS, Eliza Brito. *Restaurantes e Cafés: os lugares e sociabilidades e gastronomia no Recife da segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

SETTE, Mário. *Maxambombas e maracatus*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

TOSCANO, Frederico de Oliveira. *À Francesa - A Belle Époque do comer e do beber no Recife*. Recife: Cepe Editora, 2014.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**ALINE FERREIRA ANTUNES** - Doutoranda pelo Programa de pós-graduação em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pelo Programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela Faculdade de educação São Luís. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui ampla experiência docente nos mais diversos níveis educacionais nas áreas de História, Língua estrangeira moderna (inglês) e em curso superior de Pedagogia. Tem pesquisas publicadas nas áreas de História, Comunicação, História em quadrinhos, Teorias raciais, História e gênero, História, memória e sensibilidades. Atualmente é professora de História efetiva da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF/GDF). Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9327358239672893>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

### B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

### C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

### D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

### E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

### F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

### H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

## **I**

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

## **L**

Literatura Generativa 9, 158, 162

## **M**

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

## **N**

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

## **P**

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

## **Q**

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

## **R**

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

## **S**

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

## **T**

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

## **W**

Wakanda 8, 68, 69, 75

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# **Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3**

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# **Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3**